

MEDIDA DA LITERATURA JUVENIL: COMO CATIVAR O ALUNO/LEITOR NUM CONTEXTO EXCESSIVAMENTE MEDIADO?Rosani Nascimento Leite¹ e Márcia Belzareno Dos Santos²

RESUMO - A proposta a ser apresentada neste trabalho é baseada em uma atitude pedagógica que proporciona, acima de tudo, criatividade e expressividade pela leitura, descartando a hipótese de um leitor reduzido à condição de mero decodificador. Entre as considerações sobre a leitura, destaca-se neste estudo a interação dos elementos que constituem o texto com o conhecimento prévio do leitor. Quanto maior a harmonia entre eles, maior será o sucesso para o leitor, já que esse procedimento envolve o esquema cognitivo de quem lê, a capacidade já internalizada e o conhecimento do mundo que ela possui. Ao final, sugere-se uma alternativa metodológica para o trabalho com leitura.

Palavras-chave: Leitura. Leitor. Metodologia de Leitura.

ABSTRACT - The proposal to be presented in this work is based on a pedagogical attitude which provides, above all, creativity and expressiveness by reading, dismissing the hypothesis of a reader reduced to the condition of mere decoder. Among the considerations on the reading, it is pointed out in this study the interaction of the elements that constitute the text with the previous knowledge of the reader. The greater the harmony between them, the greater will be the success for the reader, since this procedure involves the cognitive scheme of those who read, the capacity already internalized and the knowledge of the world that it has. At the end, a methodological alternative is suggested for work with reading.

Keywords: Reading – Reader – Reading Methodology.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 12 – Nº 1 – 2018.



1. Coordenadora de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação, Professora de Comunicação e Expressão, Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Luterana do Brasil. Ulbra São Jerônimo, RS, Brasil.

2. Professora do Curso de Letras da Universidade Luterana do Brasil. Ulbra São Jerônimo.

E-mail para contato:
Rosani Nascimento Leite
pabloalfen@terra.com.br

Recebido em: Nov/2017.
Revisado em: Mar/2018.
Aceito em: Mai/2018.

Área:
Gestão do Conhecimento

INTRODUÇÃO

Desde que o alemão Johanes Guttenberg inventou a prensa manual, desencadeou-se uma das maiores revoluções da humanidade: o acesso em massa à leitura.

Embora a técnica de impressão remonte provavelmente ao ano de 1543, ainda hoje a leitura é matéria muito debatida e, por isso, merece atenção crítica.

É bem claro o objetivo estabelecido para a leitura no programa de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: capacitar o aluno a ler o mundo com olhar crítico para nele interferir de forma ativa.

No entanto, frente à dificuldade na condução desse processo, muitos profissionais – do experiente ao inciante – às vezes desanimam em razão das múltiplas interferências que afetam o interesse do leitor pelo livro.

Dentre as razões primeiras para esse distanciamento do livro está o próprio contexto paradoxal da pós-modernidade em que estamos inseridos, já que o nosso século é, ao mesmo tempo, o da linguagem que globaliza e o do átomo que fragmenta.

Em consequência, profusão de palavras são lançadas a todo instante pelo rádio, televisão, cinema, jornais, livros de bolso, etc.

Milhares de informações propagam-se de modo simultâneo e, seres globalizados que somos, ironicamente, em meio a tanta comunicação, encontramos-nos extremamente sós.

Paradoxalmente, apesar do ritmo cada vez mais acelerado que o mundo lhe impõe, o homem vive cada vez mais apático em seu mundo interior. Seu movimento é quase todo exterior; falta-lhe dinamismo vital, falta-lhe motivação autêntica para querer e fazer, faltam-lhe ideais como grandes metas a serem alcançadas (COELHO, 1991, p. 262).

Então, se é esse o contexto que se apresenta é para ele que devem voltar o olhar aqueles que participam do trabalho com a leitura.

É preciso ver o processo de fora para dentro, percorrendo desde sua trajetória histórica até a questão política e, antes de tudo, analisar o papel fundamental do professor como intermediador, visto que a leitura, por trabalhar com a língua escrita, passa pelo crivo da Escola.

O livro de literatura infantil/juvenil, encarado como produto a partir da industrialização da cultura no Brasil, acelerada nos anos 60 e consolidada nos 70, passa a atender a uma demanda cada vez maior de funcionamento e vira produto de consumo.

A partir daí, a relação entre leitor/livro vai se sofisticando e uma rede de produção se estabelece para atender à dinâmica de um mercado cada vez mais exigente que conduz não só

o leitor, mas antes o escritor, à inserção num universo em que as coordenadas da leitura são ditadas por um jogo mercantil: o livro como bem cultural equivale a qualquer outro produto vendido na mídia.

Nessa ordem de ideias, as aquisições culturais se superpõem e resultam na “cultura de mosaicos”, cujo risco estaria no reforço à inércia mental que predomina na sociedade massificada.

Na prática, essa tendência abala a escritura, visto que a literatura infantil/juvenil fica ligada às exigências do mercado.

Um exemplo é o cerco das editoras em torno dos professores que, a cada ano são bombardeados nas escolas com excessivas sugestões de leituras que passam a constituir um cânone em que o critério de inclusão nem sempre é o da qualidade, e sim o indicador mercadológico: livro igual a objeto pronto a ser consumido através das estratégias de venda.

Assim sendo, o professor como intermediador de um processo que visa à formação de um sujeito crítico não pode render-se às artimanhas editoriais. Precisa estar atento, acompanhar as publicações e, acima de tudo, buscar uma preparação consistente, fundamentada em teorias que sirvam de base para suas escolhas.

Essa postura inclui a compreensão das contradições da sociedade, a noção da função social do ser professor e educador e, sobretudo, o conhecimento da natureza da leitura, enquanto processo de apreensão do mundo e de apropriação do saber.

Uma concepção de leitura, tomada em sentido amplo como desvelamento e compreensão de si e do outro, aponta para o trabalho com a “boa” literatura desde o Ensino Fundamental, conforme destaca Ezequiel Theodoro da Silva:

... a fruição do texto literário pelas práticas do ouvir e/ou ler, configura-se como uma janela através da qual o sujeito/leitor pode compreender o mundo e organizar as suas próprias experiências. (SILVA, 1989, p. 50).

Sabe-se que as diversas espécies de textos que transitam na sociedade manifestam a relação do homem com o real e com o outro, favorecendo a compreensão do mundo. No entanto, é o texto literário que, ao representar a realidade, o faz de modo mais abrangente, daí constituir-se em um dos melhores recursos para a mediação da leitura.

Em “Seis propostas para o próximo milênio”, Ítalo Calvino fala do trabalho do escritor, enfatizando a forma e a técnica: rapidez, leveza, multiplicidade, exatidão, visibilidade e

consistência. São recursos para tornar um texto rico e interessante em seu conteúdo, agradável para a leitura e inesquecível com para quem o lê. O livro assim, se torna não só uma aula de texto, mas uma viagem ao mundo da literatura.

Frente ao exposto, a proposta a ser apresentada fundamenta-se numa postura pedagógica que propicia, acima de tudo, a criatividade e a expressividade através da leitura, descartando a hipótese de um leitor reduzido à condição de mero decodificador.

Dentre as considerações sobre a leitura aponta-se a interação dos elementos que constituem o texto com os conhecimentos prévios do leitor. Quanto maior for a sintonia entre eles, maior será o êxito para o leitor, uma vez que esse procedimento envolve o esquema cognitivo de quem lê, a capacidade já internalizada e o conhecimento de mundo de que dispõe.

No livro “Alp, 8: análise, linguagem e pensamento: a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista”, ou autores, Maria Fernandes Cocco e Marco Antonio Hailer, mencionam algumas estratégias de leitura que merecem consideração.

São elas:

Seleção – Ao ler um texto, a mente da pessoa escolhe alguns aspectos que julga relevantes e ignora outros, irrelevantes.

Antecipação – São hipóteses que o leitor vai levantando através das “pistas” da leitura. Ao longo do processo, as confirma ou não. Caso os pressupostos não estejam corretos, ocorre um estranhamento do leitor.

Interferência – São os complementos que o leitor fornece ao texto, a partir de sua vivência.

Auto-regulação – É a ponte que o leitor faz entre suas suposições para a compreensão do texto, confirmando-as ou refutando-as.

Autocorreção – Ocorre quando as expectativas levantadas não se confirmam. É o momento da retomada do texto para as correções.

As estratégias apresentadas sinalizam para todo trabalho que pretenda dar ao aluno/leitor o conhecimento do poder que a língua portuguesa pode lhe conferir, via literatura, desde o prazer do contato com ela à mobilidade que seu conhecimento alcançar.

Destaca-se aqui a formação de um leitor na concepção de Umberto Eco: o que questiona, pressupõe, extrapola aquilo que leu, classificado como o de “segundo nível”, diferente do leitor “ingênuo” que faz apenas uma leitura linear.

Nessa perspectiva, é preciso dotar o aluno de competências básicas para que se configure no leitor que se quer, o que ocorre quando são levantadas hipóteses interpretativas e utilizadas

estratégias diversas para conduzir um trabalho com a leitura, pois elas naturalmente passam a requerer confirmação ou contestação e o desejo de averiguação impulsiona o aluno a ler para ampliar sua visão de mundo, buscar seu espaço e nele inserir-se participativamente.

Por isso, é necessário selecionar textos interessantes, bem escritos, capazes de ir ao encontro das ansiedades e expectativas do leitor.

Como alternativa metodológica para uma atividade que proporcione prazer através da leitura pela via da literatura, sugere-se o conto que, embora seja um dos gêneros mais antigos, paradoxalmente é um dos mais jovens e democráticos, já que pode comportar todos os temas e as diferentes abordagens sobre eles.

De Sherazade (uma voz de mulher que conta mil e um contos nas Mil e uma noites, fazendo, desta forma, a compilação dos contos mais conhecidos no final da Idade Média) aos contistas contemporâneos, a narrativa curta tem sido observada com especial atenção.

Essa fórmula de compilação e narração de contos observada em Mil e uma noites foi adotada e repetida por muitos escritores, no entanto, outras formas de contos foram surgindo, regidos por uma nova maneira de narrar, de acordo com a época, seus movimentos artísticos e o estilo individual do narrador.

No livro *O que é Conto*, Luzia de Maria Reis trata

das várias modalidades do conto, começando por distinguir o conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitido de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de certo escritor. (REIS, 1987, p. 10).

Para Ricardo Piglia, o conto bem escrito conta duas histórias: uma em primeiro plano e outra que se constrói em segredo. A arte do contista estaria em entrelaçar ambas, a história visível e a história secreta.

O Conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permita ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta (PIGLIA, 2001, p.24).

Quando se trata de definir o que é conto moderno, as opiniões convergem para Edgar Allan Poe como seu fundador e pioneiro no que tange a uma espécie de manual de regras retomado, inclusive, por vários escritores que o sucederam.

Dono de uma vasta cultura, Poe publicava ensaios em jornais e revistas, nas quais foi compondo as bases de sua poética. A sua visão da poesia, refletida nas páginas de ficção e ensaios que escreveu resultou na teoria da unidade de efeito. Seu apego pelo conto residia na brevidade, como sinônimo de concisão e na totalidade – o leitor não deveria ultrapassar o tempo de leitura por ele determinado. Com isto pretendia subverter o leitor ao seu controle.

Também compreendeu que a eficácia do conto depende de sua intensidade, desprezando os comentários e as descrições acessórios, os diálogos marginais e as considerações posteriores que caberiam num romance, mas que abalariam a sua estrutura.

Dentre as considerações teóricas sobre o conto, unem-se às ideias de Poe as de Cotázar e de Ernest Hemingway.

Cotázar defende que é necessário ter uma “ideia viva” do que vem a ser o conto e podem ser expressas através de imagens transcendência de suas ideias, pelo teor que contêm. Conto é uma narrativa breve que trata basicamente de um único tema, enquanto ou outros gêneros – novela e romance – apresentam derivações e tramas paralelas.

Dentre as características básicas do conto está a “rapidez”, no sentido de agilidade, mobilidade e a “coerência” – atrativos para manter o leitor atento até o final da leitura.

O conto possui um movimento circular; nasce e finda sem que nada interrompa esse fluxo. Sua função máxima é esgotar, por intensidade, uma situação. Portanto, no arranjo da trama está o segredo da intensidade, cujo alvo é a captura do leitor desde a instalação do conflito até a solução final.

Além disso, deve ser breve, não permitindo ao leitor oportunidade para a fuga do texto. Para Ítalo Calvino, trata-se da “rapidez”. Quanto aos temas, todos são possíveis de abordagem, dependendo do olhar do narrador, já que o critério da originalidade é discutível, tendo em vista as teorias que reportam a fontes e influências, precursores e aspectos intertextuais.

Outra característica do conto é a significação, que Calvino chama de “multiplicidade”. É o que a obra representa como rede de conexão entre fatos, pessoas e as coisas do mundo.

A “leveza” apontada nas propostas de Calvino constitui-se num ponto importante para enaltecimento do conto enquanto matéria ficcional para mediar a leitura, pois diz respeito ao estilo que deve evitar o uso excessivo de palavras que atentem contra o ritmo narrativo; já a “visibilidade” está associada à precisão da narrativa, capaz de manter até o fim o elo leitor/texto.

Desta forma, escolhido o conto como matéria-prima, sugere-se Machado de Assis, que dentre os brasileiros, foi quem melhor soube lapidá-la.

Reconhecido como o maior prosador da literatura brasileira, os romances de Machado são marcados pela habilidade do narrador em construir textos mesclados de ironia na observação de uma sociedade habitada por seres solitários, capazes de alcançar tão somente uma felicidade mesquinha.

Flávio Aguiar diz:

na ironia está uma das vigas mestras da arte de escrever contos, ressaltada pela urgência do pouco espaço[...] (AGUIAR, 1976, p.6).

Alternativa metodológica para trabalho com a leitura

Proposta: O conto como mediador da leitura: uma janela que se abre para a compreensão de si e do outro.

Sugestão: Conto “O Espelho”, de Machado de Assis.

Público-alvo: 3º ano do Ensino Médio.

Objetivo Geral: Cativar o aluno/leitor, através de uma proposta de trabalho via literatura, para a leitura como sinônimo de prazer e desvelamento.

Objetivos Específicos:

- ✓ reconhecer o conto como texto literário;
- ✓ empregar os elementos textuais para interação texto/leitor;
- ✓ entrelaçar propostas de Ítalo Calvino e estratégias de leitura para cativar o leitor;
- ✓ levantar aspectos intertextuais para compreensão ampla do assunto.

Como já foi visto, quando se penetra no estudo que averigua questões relativas ao trabalho com a leitura na Escola, nitidamente se observa a existência de múltiplas influências em torno dela. Essa visão geral, se de um lado oferece condições para melhor interpretar o que ocorre no processo, de outro lado serve para demonstrar a flexibilidade natural diante de fatores externos.

Com base nisso, a presente proposta começa pelo reconhecimento de que, se o texto literário não existe *em si* por ser só plenamente *em outro*, ele participa dos fenômenos da linguagem de *interlocução* que no caso do texto literário está em reconhecer sua condição.

No caso do texto em enfoque, o conto, o primeiro passo é o reconhecimento do texto como literário.

A partir daí, o professor vai se utilizar dos elementos textuais para a interação com os conhecimentos do leitor. Sugere-se, pois, o entrelaçamento das propostas de Ítalo Calvino com os elementos do texto para cativar o leitor e as estratégias de leitura já apontadas.

Conto “O Espelho”, de Machado de Assis

Resumo: O Conto inicia com a discussão de um grupo de cavalheiros, na faixa de quarenta a cinquenta anos, sobre assuntos transcendentais, numa noite em que viera à tona a natureza da alma humana.

Um dos presentes, o mais calado de todos, levantara a seguinte questão: cada criatura humana traz consigo duas almas, uma interior; outra, exterior.

Diante do espanto dos companheiros, passa então a narrar um fato ocorrido consigo para comprovar sua tese.

Aos vinte e cinco anos fora nomeado alferes e todos passaram a tratá-lo como tal. Ocorre que uma tia sua pediu-lhe que fosse passar uns dias com ela em seu sítio. Lá, todos o chamavam alferes. Era alferes pra cá, alferes pra lá.

Na casa tudo era modesto e simples, com exceção de um grande espelho que fora comprado da corte de D. João VI e que, por vontade da dona, fora posto no quarto do moço. Com tanta vaidade sendo fortalecida, o alferes engoliu o homem.

Um dia, tia Marcolina, era assim que se chamava, recebera uma carta de uma de suas filhas que estava à morte.

O alferes ficara só. Os escravos aproveitaram a ausência da dona e resolveram fugir. No silêncio da solidão, o moço não sentia mais nem vontade de olhar-se no espelho.

Porém, num dia quando olhou-se, não se vira refletido por inteiro. O que via era uma imagem difusa, sem contornos.

Atônito, veio-lhe a ideia: lembrou-se de vestir a farda e quando olhou para o espelho, viu-se todo novamente.

DELINEAMENTO DA PROPOSTA

I. O QUÊ?

RECONHECIMENTO DO TIPO DE TEXTO

Como se trata de um conto, o professor deve chamar a atenção dos alunos para os protocolos de leitura de textos literários e de textos não literários.

É o momento da reflexão, da *seleção* em que serão destacados os aspectos mais relevantes. No caso, deve-se estar atento à rapidez, uma vez que o conto é breve!

Neste início de trabalho com o texto, o professor deve levantar, através da comunicação oral, conhecimentos do leitor sobre o texto, sua forma, sua diferença dos demais textos.

O eixo a ser explorado é: conto = agilidade, mobilidade

SUGESTÃO DE ATIVIDADE: Reconhecer, no texto, os elementos que lhe conferem agilidade, ou seja; tempo, espaço e fio da narrativa.

II. COMO?

Compreensão textual

1º Passo: O que diz o título?

O título do texto funciona como um indicativo; é uma seta que aponta o caminho pelo qual devemos entrar no texto para compreendê-lo.

Por isso, devemos observar:

- ✓ palavras que o constituem;
- ✓ sentido que podem ter;
- ✓ busca de esclarecimento no texto (a partir do título).

O professor deve ressaltar que este título é composto pela palavra espelho e, a partir daí, deve associar o seu significado na vida do homem; sua implicação na personalidade humana, na questão do reflexo de si e da imagem duplicada.

2º Passo: Como foi feita a trama?

Neste momento, é importante que o professor mostre como o narrador montou a trama, isto é, como ele organizou os acontecimentos do texto em torno do elemento

“espelho”, desde o conflito (não ver a imagem refletida por inteiro) até a solução final (vestir a farda e ver novamente o reflexo).

A construção da narrativa pelo emprego vocabular também deve ser explorada para uma melhor contextualização dos fatos e caracterização das personagens.

3º Passo: Que conexões fazer?

O professor deve trabalhar nesta parte o que Calvino chama de “multiplicidade”, ou seja, fazer uma rede de conexões entre os fatos, as coisas e o mundo a partir do texto e o leitor participa do processo através de suas “inferências para melhor compreendê-lo.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE: Fazer um levantamento vocabular e posterior contextualização da época e dos costumes a fim de decifrar o ambiente e as personagens do conto.

III. PARA QUÊ?

Valorização do texto literário para a leitura

Uma vez que o aluno já está inserido na leitura do conto “O Espelho”, de Machado de Assis, o professor deve explorar o conflito essência x aparência; isto é, entre aquilo que o indivíduo realmente é no seu íntimo e aquilo que a sociedade, com suas regras e convenções, o obriga a aparentar ser.

E a hora da “auto-regulação” em que o leitor confirma ou não suas suposições no texto.

O professor deve fazer ganchos intertextuais sobre a importância da imagem na sociedade atual, mostrando que a leitura de textos literários de primeira grandeza, conforme o texto em estudo, pode abarcar uma série de questões que dizem respeito a seus alunos, como é o caso da “marca” tão valorizada entre os adolescentes e amplamente divulgada pela mídia.

Para finalizar, como no “mito do eterno retorno”, voltar ao texto para mostrar que a questão da imagem vem preocupando o homem, desde que ele, pela primeira vez viu-se refletido no espelho das águas e pôde contemplar-se a si mesmo (narciso que é!).

Sugestão de atividade: Aproximar, pela intertextualidade o conto “O Espelho” e o poema “Eu, Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade e dele apontar semelhanças e diferenças.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. **Murmúrios no espelho**. In: ASSIS, Machado. Contos. São Paulo: Ática, 1976.
- BAGNO, Marcos (org.). **Machado de Assis para principiantes**. São Paulo: Ática, 1998.
- BRAYNER, Sônia (org.). **O conto de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Traduzido por Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÓCCO, Maria Fernandes e HAILER, Marco Antonio. **Alp, 8: análise, linguagem e pensamento**. São Paulo: FTD, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ECO, Umberto (org.). **A indústria da cultura**. Lisboa: Meridiano, 1971.
- PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. Caderno Mais, Folha de São Paulo, domingo, 30 de dezembro de 2001.
- REIS, Luzia de Maria R. **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.